

A prosa da carne: corpo e sexualidade nas redes sociotécnicas

*Francisco Coelho dos Santos**

Resumo: Faz já algum tempo que o corpo se converteu no hospedeiro dos mais diversos objetos tecnológicos. Seja para paliar suas deficiências ou para ampliar suas capacidades, o conjunto de recursos da biotecnologia parece ter se tornado um parceiro obrigatório dele, quer sob a forma de artefatos digitais ditos *inteligentes*, quer sob a de drogas sintéticas, quer através dos recursos da cosmetologia. A isso deve-se acrescentar a participação crescente das pessoas nas redes sociotécnicas e a familiaridade crescente delas com as máquinas. É bem evidente que, se o corpo delas está ausente do ciberespaço, ele não está, entretanto, ausente dessas redes, como o prova a experiência da sexualidade com parceiros(as) virtuais. O texto pretende, nessas circunstâncias, fazer um inventário das relações entre o corpo e as tecnologias disponíveis nos tempos que correm, tendo como pano de fundo as implicações dessas relações para o que é constitutivo do que se costuma conceber como propriamente "humano".

São lugares onde se conversa muito pouco, provavelmente menos que o mínimo necessário a uma comunicação corrente de tipo verbal — o que, evidentemente, não quer dizer que as pessoas não estejam se comunicando. Que não se pense, por outro lado, que aí nada se ouve; na verdade, silêncio é justamente o que não há para escutar. Nas *raves* ou nas danceterias, à música ensurdecidora de presença permanente e atração irresistível, vem se juntar uma frágil penumbra, desrespeitada de forma pulsante e rítmica pela luz lançada ao lugar onde se dança. *Spots*, tubos de néon e esferas espelhadas, canhões de laser, de luz seqüencial ou de luz estroboscópica, enfim, jogos inimagináveis de luz banham corpos possuídos por uma música extática. Álcool, fumaça e outros tantos *aditivos* temperam a euforia de um ambiente que poderia ser tomado por um mostruário das qualidades mágicas e expressionistas dos corpos. Miraculosos, os efeitos luminosos são, por seu lado, capazes de amplificar o menor dos movimentos, decompondo-o em seus elementos essenciais e criando algo como uma ilusão cubista de tal ordem que, quem está mergulhado neles, mesmo estando quase imóvel, parece estar em movimento.

Nesse modo de dançar contemporâneo no qual os parceiros dançam separados e pouco se tocam é muito fácil observar que a maneira como os corpos são

* Professor Adjunto da UFMG.

recortados pelo movimento não obedece às divisões canônicas da anatomia: na verdade, o corpo que dança ignora alegremente semelhante forma de saber, ele desconhece a abstração que o reduz a um organismo biológico. Embora coordenados, os movimentos das diversas partes desses corpos *desconjuntados* parecem gozar de autonomia uns em relação aos outros. Tudo se passa como se, sem serem anárquicas, cada uma das partes do corpo fosse proprietária de sua própria determinação, como se não houvesse um centro coordenador, um núcleo capaz de regular sua evolução, ainda que o conjunto — sobretudo para os que dançam bem — apresente uma notável coerência. Antes, diz-se, o corpo que dançava tinha um centro, um núcleo a partir do qual os movimentos se irradiavam — as ancas ou o púbis, o ventre ou o plexo. Agora, entretanto, tem-se dificuldade de encontrá-lo. No limite, ele não é senão uma imposição do observador, desconhecido dos que dançam.

Mesmo quando não ingeriram um único miligrama de qualquer dessas substâncias que favorecem o *brilho*, os participantes ficam embriagados pela música, pela luz, pela atmosfera. Estão a um só tempo num estado de intensa excitação e de uma doce inconsciência. Daí os excessos e a falta de medida tão característicos da situação. Tendo revogado os rigores da razão, colocam-se à mercê dos fluxos e das intensidades por que são atravessados. Na verdade, dança bem aquele que se entregou às «razões» do corpo¹. Em cada ponto desse *corpo dionisiaco*, a multiplicidade dos fluxos e a combinação das intensidades em nada prejudicam a performance. Pelo contrário, são elas que potencializam as possibilidades dos corpos em evolução. É por obediência a essas razões que aquele que dança consegue operar a coordenação do disperso. Nessa ocasião, não vale a pena se perguntar se se faz bem ou mal; aliás, é quando essa pergunta ocorre, que o risco é grande de dançar mal. É que, para quem está em situação, o corpo é como que tomado por uma circulação de intensidades, pelo deslocamento de fluxos diversos provenientes de zonas que não necessariamente coincidem com as zonas erógenas e que se articulam, se difundem, se espalham e se capilarizam até a flor da pele. Indiscernível e enigmática, essa atividade se apodera dos corpos e os explora, não deixando a quem a experimenta outra alternativa senão a de se deixar levar.

¹ Sobre as «razões» do corpo, ver NIETZSCHE, Friedrich. « Des contempteurs du corps », in NIETZSCHE, F. *Ainsi parlait Zarathoustra*, Paris, Gallimard, 1971, p.45-46.

A busca de prazer e de sensualidade observável nos dançantes corpos dionisíacos pode também ser vista em outros lugares. É bem verdade que, nas academias de *fitness*, o culto da estética corporal segue regras bem distintas daquelas das « academias de dança »². Embora a música seja de presença obrigatória — e, quase sempre, a dança também —, ela está aqui a serviço de outros fins. A fumaça e o álcool foram sumariamente expulsos, os aditivos utilizados são de outra natureza, de outra natureza química. Na maioria dos casos funcionam como suplementos nutricionais de quem tem exigências muito específicas, porém, em muitos outros, operam como vetor de aceleração para um crescimento intenso e exorbitante da massa muscular: aspectos da cultura do músculo. A luz que aí envolve as formas, se não é a luz natural, é a luz meridiana das lâmpadas fluorescentes, uma luz branca e assética, dura e invariável. Nos templos da boa forma física, o que se cultua é a hígidez manifestada pela ausência de tecido adiposo, pelo contorno do músculo bem definido e pelo conforto do ritmo cárdio-respiratório controlado. O que se pratica nesses lugares é uma outra arte de viver, aquela que associa o bem-estar à beleza e à saúde. Aí, o que está em jogo é o cultivo de *corpos apolíneos*.

Os clubes de *fitness* são povoados por um admirável arsenal de aparelhos, de alguma maneira uma floresta de alumínio, ferro e aço: máquinas com pedais, pesos e roldanas, aparelhagem com cabos de aço, alavancas e molas. Toda essa panóplia serve a um trabalho estético, arquitetural, o trabalho de construção de um corpo que se quer belo e sadio, sólido e equilibrado. Os melhor equipados de há muito abandonaram as máquinas simples e grosseiras, os rudimentares pesos, alavancas, cabos e molas. A mecânica bruta foi substituída por sofisticados sistemas hidráulicos e eletrônicos que, silenciosamente, fazem a dosagem apropriada do esforço, permitindo executar o movimento exato, a justa tensão do tendão, a contração muscular precisa. De maneira calculada e sem a necessidade de excessos. Bem aproveitado em sua morfologia, bem proporcionado em sua configuração, o corpo apolíneo deve ser um corpo medido, pesado, contado. Ele reúne numa só equação boa forma física, juventude, beleza e saúde.

² Não raro regras muito rígidas que não implicam somente prazer. Uma das principais é a que diz que, em relação à boa forma, « *no pain, no gain* ». Sobre a disciplina dominante na cultura do músculo, veja-se COURTINE, Jean-Jacques. « Os stakhanovistas do narcisismo », in: SANT'ANNA, Denise B. de (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

Já houve um tempo em que a saúde habitava o silêncio dos órgãos; hoje ela se dá a conhecer na superfície do corpo. Por isso, nas paredes das academias, onde quer que haja espaço disponível, espelhos devolverão aos frequentadores as imagens e as miragens necessárias à continuidade de sua tarefa de construtores/escultores. A boa/bela aparência é o resultado que lhes incumbe, é sua responsabilidade. Os espelhos são, por conseguinte, « aparelhos » tão importantes quanto qualquer um daqueles que equipam a mais modesta e despojada das academias de *body building*³. O sonho de todo freqüentador desses *ateliers* da aparência é o de ter o corpo erigido em obra de arte, pois o belo que se vê revela o que, na espessura da carne, é inacessível ao olhar; ele torna visível o que há de saudável dissimulado na intimidade dos tecidos, pouco importa que a tecnologia médica tenha feito retroceder de muito as fronteiras do invisível. No passado dizia-se que o bem-estar não era sequer sentido, pela boa razão que, sendo « simples consciência de viver », somente sua ausência era capaz de denunciá-lo: ele era o que se tornava evidente *a posteriori*, pela consciência de sua falta⁴. Nos dias que correm, a idéia de bem-estar transformou-se substancialmente. Ela foi assimilada ao tônus muscular e à respiração pausada, indissociáveis do corpo flexível e bem estruturado. O corpo apolíneo é um corpo racionalizado. Para que haja uma harmonia de formas e um equilíbrio de funções, nenhuma de suas partes deve permanecer anômica. Ele é um patrimônio a ser administrado com a competência de um gerente atento, sistemático, metucioso: cada tendão, cada fibra e cada músculo devem ser objeto de zelos. Porque o corpo apolíneo é a apologia da medida e da ordem, é o elogio da proporção e da harmonia.

As sociedades, como é bem sabido, desenvolvem um saber sobre o corpo que serve de orientação para seus membros, para as relações que mantém consigo próprios e para as relações que eles mantêm com os outros⁵. Assim é que a maneira como ele é escandido e o valor que é concedido a cada parte, as capacidades que possui e o significado que pode ter, o modo como é experimentado e como são reguladas as relações com os dos outros membros, são uns poucos exemplos das formas segundo as quais cada sociedade produz um conhecimento singular sobre o

³ Para um comentário a respeito da utilização desse termo vale a pena consultar COURTINE, J-J., *op. cit.*, p.106, n.1.

⁴ Cf. CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris, PUF, 1979, p.171-172.

⁵ Desnecessário lembrar que se trata de um saber *incorporado*, frequentemente pouco ou nada consciente e, em todo caso, não necessariamente formalizado.

corpo e sobre seus usos. As práticas da dança e do *body building* apontam para uma ambigüidade da experiência do corpo laboriosamente construída pelas sociedades ocidentais ao longo da modernidade: o fato de que, ao mesmo tempo, se é e se tem um corpo⁶. Enquanto o *body building* evidencia que, antes de mais nada, o sujeito *tem* um corpo, um corpo que o abriga, que é seu invólucro, e que, para ele, é fundamental cuidar do recinto que habita, a dança, por sua vez, demonstra que, essencialmente, ele *é* um corpo, sujeito a determinações que lhe são próprias, não raro obscuras à inteligência do próprio sujeito e cujo contrôlo escapa a sua vontade. De imediato, diversos dualismos de talhe cartesiano parecem surgir do interior dessas duas práticas: sujeito/objeto, mente/corpo, espírito/matéria, interioridade/exterioridade, não senão alguns deles⁷. Fundantes do pensamento moderno, tais dualismos são daqueles que ainda hoje dão sentido a grande parte de nossa experiência, isto é, são alguns dos que permanecem como organizadores de muito do que se poderia chamar de panorama da cultura contemporânea.

Já não é de hoje, no entanto, que o cuidado de si que se exprime pela preocupação com a construção de um corpo bem feito mudou de escala. Não se trata mais de tão somente melhorar « dotes naturels » já existentes, mas de corrigí-los e aperfeiçoá-los, sempre que o desejo exista e as possibilidades tecnológicas se encontrem ao alcance dos interessados. Refazer o nariz conforme esse ou aquele modelo, repor os cabelos perdidos em consequência de uma indesejável calvície, retirar o excesso de tecido adiposo dessa ou daquela parte do corpo ou, ainda,

⁶ A propósito desse assunto, veja-se, por exemplo, LE BRETON, David. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris. PUF, 1995, assim como BERTHELOT, J.-M. « L'évanescence facticité du corps », *Sociétés*, n° 15, septembre 1987, p.7.

⁷ Ter/ser um corpo é uma ambigüidade que não é sem ambigüidades. Na expressão « eu tenho um corpo », que traduziria bem a primeira situação, a distinção eu/corpo é bastante nítida para que o dualismo de base seja evidente. Mas, ao se dizer « eu sou um corpo », uma distinção menos clara, torna possível pensar a questão em termos monistas que assimilam um ao outro. Embora um exame minucioso desse problema fuja completamente às preocupações do presente texto, é importante assinalar que o aprofundamento das questões que derivam desta expressão converte o corpo em representação, em significante ou em discurso, cujo significado se oferece ao conhecimento, recuperando um sujeito para o qual eles fazem sentido. E mesmo quando Nietzsche fala do « corpo e sua grande razão, que não é igual a eu em palavra, mas eu em ação » (cf. nota 1), ele decerto pronuncia uma grave sentença contra as pretensões do sujeito a sua autonomia e da razão a sua supremacia — que se enfraquecem muito frente à maior sabedoria do corpo —, mas ele retém a dualidade eu/corpo. Se o sujeito kantiano e o espírito hegeliano são os que recebem os mais rudes « golpes de martelo » da filosofia nietzscheana — eles deixam de ser os detentores da razão, em benefício das razões do corpo —, isto não impede que aquela dicotomia seja mantida, ainda que mude radicalmente de valor.

aumentar o volume — considerado escasso — dos seios, das nádegas ou da panturrilha que se possui, converteram-se em operações corriqueiras. As planilhas de pagamento, aliás, aumentaram consideravelmente o contingente dos que agora podem recorrer a elas. Os limites de intervenção sobre o corpo foram ampliados pela *incorporação* da tecnologia, tendo sido criadas largas possibilidades de escapar ao inato (que se trate da morfologia ou da fisiologia) e de se furtar à passagem do tempo como destinos irremediáveis. Se, por exemplo, o uso da testosterona, dos anabolizantes ou do hormônio do crescimento entra em choque com a lei e com as prescrições médicas mais prudentes, medicamentos e drogas de consumo permitido prometem soluções práticas e sem maiores inconvenientes para problemas que vão da depressão à impotência sexual, passando pelo envelhecimento do epitélio ou da musculatura facial. Ainda que algumas dessas soluções se mostrem pouco ou nada satisfatórias (quando não são potencialmente perigosas), o que não se pode é deixar o corpo entregue a um estado de descuido — abandonado à brutalidade do tempo que passa ou condenado a alguma fatalidade anátomo-fisiológica. Creditar as imperfeições físicas aos caprichos de uma « mãe natureza » que eventualmente teria se portado como madrasta é, para muitos, uma espécie de traição de seu próprio corpo. Nos tempos que correm, nada de desmazelo: os « dotes naturais » outra coisa não são que uma espécie de matéria prima que a tecnologia toma como ponto de partida para seu trabalho de correção e de aperfeiçoamento. Ultimamente, ao *body building*, a construção do corpo por meio de dietas e de exercícios em aparelhos, veio acrescentar-se algo que poderia ser chamado de *body editing*, a correção e o aperfeiçoamento do corpo, com o auxílio dos múltiplos recursos da química, da cosmetologia, da biotecnologia e da cirurgia estética, postos à disposição de quem desejar se beneficiar deles⁸.

⁸ Há quem prefira chamar o *body editing* de *body modification*. Veja-se, por exemplo GÓES, Fred. « Do *body building* ao *body modification* - paraíso ou perdição », in: VILLAÇA, N., GÓES, F. & KOSOVSKI, E. (orgs.) *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. Rio de Janeiro, Mauad, 1999. É útil observar que, para este autor, a « *body modification* problematiza as fronteiras entre o masculino e o feminino, confunde as identidades étnicas e provoca verdadeiras revoluções nos conceitos de natureza e cultura. A cada modificação é como se houvesse uma revolta contra a natureza, ou como se a anatomia não fosse mais o destino » (p.37, grifado no original). Com relação a essa última asserção, o desenvolvimento do *skin deep* é muito interessante. Essa forma de modificação corporal *high tech* reduziu as tatuagens e os piercings à insignificância, por mais inusitados que possam ser. Por meio desse tipo de intervenção, utiliza-se materiais biocompatíveis (silicone, teflon, titânio) para fazer implantes subcutâneos que alteram a anatomia de modo a personalizá-la, esculpindo

Dito de outro modo, a *incorporação* das tecnologias está tornando possível uma mudança fundamental na relação que os indivíduos mantêm com seu corpo e, em consequência, redirecionando as preocupações sociais com relação a ele. Já não se trata mais de vivê-lo como a sede dos desejos, como fonte das necessidades, como traço da finitude, ou seja, como materialização dos limites que são próprios aos indivíduos. Ele é, antes, uma fonte de possibilidades de transformação, de potencialização e de aumento de suas capacidades. Não somente da restituição daquelas que foram natural ou acidentalmente perdidas, mas também de intensificação das congênitas. Por outras palavras, no que diz respeito ao corpo, o cuidado de si extrapolou largamente o domínio da manutenção da juventude pela manipulação do músculo e pelo controle da aparência. Lado a lado com todos os procedimentos que fazem a saúde saltar das profundezas do organismo para a superfície lisa da pele, há inúmeros outros que tomam o sentido oposto. É esse o caso da penetração da carne pelas tecnologias — em particular, pelas tecnologias da informação. Com maior ou menor sucesso, mas de maneira crescente, os *chips* se alojam na carne sem maiores dificuldades e se mostram cada vez melhor adaptados, seja para suprir deficiências ou falências, seja para intensificar capacidades, num processo que já foi chamado de « ciborgização » dos corpos⁹.

De um certo tempo para cá, os *chips* introduzidos nos órgãos dos sentidos, de modo a torná-los novamente operantes, nos membros, fazendo as vezes de tradutores dos comandos cerebrais que comandam movimentos, ou em certos órgãos internos, evitando um mau funcionamento que poria em risco a vida de portadores de insuficiências graves, deixaram as páginas amareladas de livros de ficção científica para habitar a vida cotidiana de um sem número de indivíduos. Os marcapassos

na própria carne o formato desejado. Podem, assim, criar uma crista no alto da cabeça, uma fileira de bilhas salientes no tronco, ou, ainda, um novo feitio para o pênis, colocando uma varinha atravessada na base do órgão. Cf. « Les cyborgs sont-ils déjà là? », capturado em <http://www.interactif.lemonde.fr/>, em 08/11/2000.

⁹ Sobre o assunto, veja-se COELHO DOS SANTOS, Francisco. « *Chips* em carne e osso », in: FAUSTO NETO, A., HOHLFELD, A., PRADO, J. L. A., & PORTO, S. D. (orgs.) *Comunicação e corporeidades*. Brasília/João Pessoa, COMPÓS/Editora Universitária da UFPb, 2000, pp. 141-159. O neologismo *ciborgização* foi tomado de empréstimo a André Lemos. Cf. LEMOS, André. "A página dos cyborgs", disponibilizada em <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos>, arquivo capturado em 15/01/1999. A questão da ciborgização remete, por outro lado e inevitavelmente, ao trabalho de HARAWAY, Donna J. "A Cyborg Manifesto: science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century", in HARAWAY, D. J. *Simians, cyborgs and women*. London, Free Association Books, 1991, pp.149-181.

cardíacos ou cerebrais, implantes « inteligentes » de primeira geração, hoje convivem com os retinianos, nasais ou cocleares de geração recente e com microprocessadores que recuperam a atividade motora de um membro afetado por um acidente ou uma moléstia, bem como com próteses bastante sofisticadas que substituem de maneira satisfatória os membros perdidos. O caso mais interessante de um enxerto bem sucedido de tecnologia informacional é sem dúvida o de John Ray, vítima de uma severa tetraplegia que paralisou a totalidade de seu corpo, só lhe permitindo atividade dos olhos para cima¹⁰. John estava, por isso mesmo, impedido de manter qualquer relação com seu entorno social, até que, em 1998, teve implantado em seu cérebro um sistema de eletrodos capaz de captar ínfimos sinais elétricos em seu córtex motor e de transmití-los a um Macintosh, de tal modo que, por atividade de pensamento enviada por ondas de rádio a seu computador, ele voltou a se comunicar com seu entorno social. Assim, por intermédio do conjunto implante cortical/*prótese remota*, ele passou a dispor de uma máquina em cuja tela ele escreve as mensagens que quer que os outros recebam sobre o que está sentindo ou pensando. Em poucas palavras, o mecanismo « telepático » que o caso de John põe à mostra foi produzido por um procedimento que envolveu a colocação de algo como um *mouse wireless* encravado no cérebro de um paciente. Quanto aos resultados positivos da intervenção, eles constituem certamente o melhor exemplo de que se tem notícia da presença de tecnologia informacional acoplada ao corpo de um indivíduo — a um só tempo dentro e fora dele — portador uma deficiência extremamente severa, que graças a essa tecnologia voltou a ter vida de relação com o mundo a sua volta.

A intromissão das tecnologias informacionais no corpo dos indivíduos tem conseqüências de grande monta para o panorama da cultura contemporânea. Que se pense, por exemplo, nas dualidades fundantes do modo de ser no mundo que ainda hoje organiza a vida dos indivíduos nas sociedades ocidentais. A principal delas é, sem dúvida, a dualidade sujeito/objeto. O sujeito — mais precisamente, o sujeito do conhecimento — é entendido como condição necessária à síntese de elementos representativos diversos, num procedimento em que o resultado se oferece como

¹⁰ Para uma análise mais detida do « caso » John, pode-se consultar COELHO DOS SANTOS, Francisco. « Artíficos das interfaces: o seco e o úmido nas redes sociotécnicas », in: *Anais do 9º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação - COMPOS*, jun. 2000, disponível em CD-ROM.

constituente do objeto. Nas relações entre eles, um privilégio é, portanto, concedido ao sujeito e a sua autonomia, bem como à razão e sua primazia. Espelho do sujeito, o objeto se mostra como a confirmação de sua autonomia e a demonstração da primado da razão, prerrogativa do sujeito. O objeto é justamente aquilo que garante, por oposição, a especificidade do sujeito, sua capacidade de conhecer e de conceber; é o objeto que dá a conhecer ao sujeito o que ele é, que lhe permite de conceber-se como tal, mesmo quando ele próprio se toma por objeto. Poderoso em sua impotência, é o objeto que permite ao sujeito que, olhando para ele, se reconheça como sujeito e possa tomar consciência de suas possibilidades e de seus limites. Ora, a penetração dos objetos técnicos nos corpos não só invade a intimidade do que individualiza os sujeitos, como os torna dependentes — em maior ou menor medida, quando não totalmente — do desempenho dos objetos em certos casos até mesmo para a continuidade de sua existência. A partir daí, o que está em jogo afeta de maneira substancial a natureza das relações entre sujeito e objeto. Por um lado, trata-se de um objeto técnico muito especial, um objeto interativo, apto a atuar com autonomia e com capacidades de discriminação e de resposta ao seu ambiente, autorizando que, metaforicamente, eles sejam denominados inteligentes. Implantados na intimidade da carne, eles interagem de modo satisfatório com os órgãos aos quais prestam auxílio, tornando comensurável sua eficiência com a de outros do conjunto do organismo. Desde logo, as distinções, antes muito nítidas, entre órgão e objeto técnico, entre natural e artificial, entre interioridade e exterioridade, entre humano e inumano, para não citar senão algumas, se esfumaçam e perdem sua clareza. Algo análogo poderia ser dito da distinção sujeito/objeto. O ingresso do objeto naquilo que o sujeito *é* ou *tem* como mais precioso, produz uma mudança radical em suas relações. O que antes era fronteira, linha de demarcação, traço de descontinuidade, converteu-se em gradiente de contato, em espaço de interação, em zona de variação contínua de conexão. Por outro, a antiga subordinação do objeto ao sujeito sofre uma transformação qualitativa desde o momento em que, em maior ou menor grau, o sujeito é incapaz de prescindir do objeto técnico que carrega em suas entranhas para a boa continuidade de sua existência. De espelho de um sujeito altaneiro, o objeto tornou-se, em muitos casos, condição de possibilidade da sobrevivência dele. Naturalmente, não é de troca de posições que se trata. Nada a ver com novas relações

em que um objeto soberano e ativo assujeitasse um sujeito reduzido à sua expressão mais simples. Todavia, volatilizou-se aquilo que, pelo lado do objeto, garantia a especificidade do sujeito. Desapareceu o que, por reflexão, dava ao sujeito as condições de reconhecer-se como tal e, em conseqüência, exercer seu controle sobre o objeto. Nesta nova configuração das relações entre eles, o privilégio do controle não é mais exclusividade do sujeito: ele precisa fazer contrato com o objeto.

Faz já alguns anos que Kevin Warwick põe seu corpo à disposição de experimentos envolvendo a « fusão » homem/máquina, como ele próprio gosta de falar. Na mesma época em que John Ray passava pela operação que consistiu em implantar um *mouse* em seu cérebro, esse especialista em cibernética, professor da Universidade de Reading, na Inglaterra, encravava em sua carne um « *chip* de identidade ». A pequena cirurgia a que se submetera na ocasião, instalou uma pequena pastilha de silício sob a camada subcutânea de gordura de um de seus braços. Encapsulado num invólucro de vidro, o *chip* punha em marcha, desde que ele entrasse no prédio onde trabalha, uma rede especialmente adaptada para os fins do experimento. Além de saudá-lo com um « *Hello, professor Warwick* », ela acionava o acendimento das luzes, a ligação da aparelhagem de aquecimento, a abertura das portas e, evidentemente, a conexão de seu computador à Internet¹¹. Dois anos depois, ele tinha projetos bem mais ambiciosos; naquela ocasião, trazia à baila a « *telepatia eletrônica* », um outro modo de conectar as pessoas. Replicando e ao mesmo tempo complexificando sua primeira experiência, pretendia agora conectar processadores recentemente desenvolvidos a seu sistema nervoso central, de modo a conhecer em detalhes certos modos de funcionamento desse sistema como, por exemplo, o mecanismo pelo qual o cérebro dá ordens para que um braço se mova. Todo o processo seria registrado pelo computador, permitindo que uma análise aprofundada desse mecanismo pudesse ser feita *in vitro*. Para complementar o segundo experimento, Warwick estava planejando na época aplicar o mesmo procedimento de pesquisa a sua esposa e a seus colaboradores mais próximos. Em sua opinião, a

¹¹ A esse respeito, ver COELHO DOS SANTOS, F. « *Chips em carne e osso* », *op.cit.*, p. 141-142.

iniciativa criaria a possibilidade de uma alternativa de interconexão dos indivíduos, ao transmitir em rede informações sobre suas sensações e seus sentimentos¹².

Uma outra vertente da conexão corpo/redes sociotécnicas está sendo explorada por Steve Mann, professor de informática na Universidade de Toronto, no Canadá, a partir da idéia de « *wearable computer* », o computador que se carrega no corpo, aderido a ele como peça ou acessório de vestuário. Se Kevin Warwick aposta no implante do objeto técnico, Steve Mann sustenta que este deve ser « portátil », tanto quanto a roupa que se veste ou o sapato que se calça. Para um o *chip* deve se alojar na carne, por debaixo da pele, para o outro, a pele é o limite que não deve ser ultrapassado. Assim, em suas idas ao supermercado, Steve Mann coloca óculos que ele próprio desenvolveu, munidos de uma pequena câmera ligada a um computador também pequeno que está no seu bolso. Como este computador está conectado por rádio a seu laboratório, tudo o que a câmera capta é enviado para seu *site*, de modo que, de casa, sua esposa pode observar com toda tranqüilidade os produtos expostos nas gôndolas e pedir-lhe que compre esse ou aquele produto enviando-lhe um *e-mail* que se exhibe nas lentes de seus óculos. Por conseguinte, embora esteja acoplado a ser corpo, o objeto técnico de que ele se serve fica do lado de fora de sua pele. Externo, mas colado a seu corpo; remoto, mas conectado à rede da qual é parte integrante.

No site do professor de Toronto¹³, aprende-se bastante a respeito do « computador portátil », o que eventualmente se chama de « cibernética pessoal ». A imagem costumeira do computador pessoal é a de um equipamento volumoso e pesado, composto de um teclado e um mouse, uma tela e uma unidade central. Salvo pelo mouse, nenhum deles é pequeno e leve, nenhum deles é « portátil ». Com efeito, transportá-lo representa um trabalho que só se tem quando a necessidade se impõe. Ora, a idéia de base de Steve Mann é a de que vivemos um tempo em que a tecnologia informática cada vez mais está inextricavelmente vinculada às pessoas em sua vida cotidiana, durante todo o tempo e em qualquer lugar. Ainda que ele se oponha à idéia de computador ubíquo em que muitos enxergam o futuro das tecnologias informáticas, é certo que uma aparelhagem grande e embaraçante

¹² Veja-se *Folha de S. Paulo*, 20/12/2000, p. F6. Para maiores informações sobre os experimentos, pode-se visitar a página do prof. Kevin Warwick em www.cyber.rdg.ac.uk/people/K.Warwick.htm.

¹³ Na verdade há mais de um, de resto muito instrutivos. Vale a pena consultar <http://wearcam.org/> e <http://www.eyetap.org/>.

desapareceu de seu horizonte. Para operacionalizar seu projeto, mesmo um *laptop* é muito volumoso. Sua concepção de objeto técnico é aquela de um equipamento de peso e dimensões muito reduzidas capaz de ser permanentemente levado por seu usuário, onde quer que ele vá. A isto ele acrescenta que a máquina deve sempre conectada e que deve ser sensível a seu *environment*. Além da interatividade que faz parte da alma das tecnologias informáticas, o objeto não pode causar incômodo ou entrave. É preciso que ele seja tão confortável quanto a roupa que se veste ou os óculos que se usa. Os óculos que ele usa, aliás, foram ultimamente miniaturizados e praticamente se converteram em parte do seu corpo: ele os utiliza quase todo o tempo. Eles lhe permitem não só receber imagens e mensagens onde estiver, como exibir para todos os que acessam seu *site* o que está vendo aqui e ali, continuamente e em tempo real. Steve Mann, não menos que Kevin Warwick, aposta na possibilidade de partilhar com os outros suas experiências. Os meios, a natureza e a amplitude desses compartilhamentos é que criam as enormes diferenças entre as empreitadas de um e do outro.

Antes de desenvolver seus óculos Steve Mann concebeu um modelo de roupa íntima. Dela pode-se dizer que é bastante eficiente, mas *sexy* ela não é nem um pouco¹⁴. Mesmo não sendo do tipo que desperta grandes fantasias sexuais, a « sunga inteligente » possui um grande trunfo: ela dá a seu usuário a possibilidade de controlar a temperatura do cômodo em que se encontra sem exigir dele qualquer iniciativa ou esforço. Ocorre que ela é equipada com um sensor preso ao elástico da cintura que avalia constantemente o « índice de transpiração » do usuário. Este sensor envia a informação a um receptor ligado ao aparelho de aquecimento ou refrigeração que regula a temperatura ambiente e este, por sua vez, reage imediatamente, alterando a temperatura sempre que o índice mudar. A totalidade da operação envolve uma interação do corpo do usuário com a máquina que prescinde inteiramente de reflexão ou de decisão por parte dele. Máquinas não menos sensíveis às reações do corpo têm sido pensadas para realizar relações sexuais intermediadas pelas redes sociotécnicas. *Vivid Entertainment*, uma empresa de grande porte que atua no setor dos produtos destinados ao lazer e ao prazer, nos promete para amanhã a « roupa de cibersexo » (*cybersex suit*), especialmente criada para os apreciadores do sexo *on-line*.

¹⁴ Sobre esse assunto, visitar http://wearcam.org/smart_clothing/.

Apresentada em duas versões, a masculina e a feminina, para ser comercializada, ela só espera pela solução de pequenos problemas técnicos ligados às variações de fontes de alimentação nos diferentes países. Equipada com 36 estimuladores disseminados por todo o corpo, ela tem capacidade de engendrar cinco diferentes sensações: cócegas, alfinetadas, vibrações, calor e frio¹⁵. Por meio de uma tal combinação de estimulações e sensações, *Vivid* acredita poder reproduzir satisfatoriamente uma grande variedade de experiências sexuais à distância, via Internet. A ciberrelação sexual permitirá que parceiros afastados por milhares de quilômetros estimulem as zonas erógenas um do outro e, naturalmente, tenham grande prazer com a operação.

Não se deve pensar que *Vivid Entertainment* vai preencher um vácuo no domínio dos equipamentos para a interação sexual à distância, aquela que é executada utilizando periféricos e mediada pelas redes. Empresas como a *Digital Sexsations* ou a *SexSafePlus*¹⁶ já ocupam posições no mercado, oferecendo kits de produtos do gênero « caixa de prazeres » para o cibersexo — compreendendo o *software*, as interfaces e o *hardware*, isto é, o aparelho a ser ajustado à genitália, conforme o sexo do comprador — que podem ser ligados aos computadores pessoais dos interessados. Frequentemente denominados *sexual toys*, eles podem ser controlados por um parceiro remoto e admitem um funcionamento de intensidade modulável. Ou seja, utilizando a aparelhagem, o amante aciona, via Internet, o vibrador de sua parceira, regulando-o em função das instruções dela, com vistas, evidentemente, à sua maior satisfação sexual. Adicionalmente, ele tem a possibilidade de fazer funcionar um acessório que contém uma bomba de sucção destinada a produzir uma excitação de mamilos em sua parceira. Ela, por sua vez, envia instruções ao tubo de sucção de seu parceiro, um instrumento munido de uma bomba aspirante vibrátil em forma de vagina que abraça sua genitália, para que o desempenho do aparelho retribua em prazer o que ela está recebendo. O controle do movimento e da intensidade da aparelhagem conectada aos corpos dos ciberamantes é feito na interface gráfica, por meio de um software que gera janelas de cor e brilho variáveis, sensíveis a cliques de *mouse*. As variações de cor e brilho indicam a cada um dos parceiros o que é mais conveniente fazer para majorar o prazer de seu amante e, conseqüentemente, o impacto que um clique pode ter no corpo do outro. Para o caso de um dos parceiros não estar

¹⁵ Veja-se <http://www.stanford.edu/~ereyna/pornsite2/technology.htm>.

disponível para os divertimentos sexuais, são oferecidos como acessórios DVDs, vídeos disponibilizados pela Internet e *links* para *sites* da rede especializados na prestação de serviços aos que apreciam os prazeres solitários. Em qualquer dos casos, a interação com a máquina está garantida.

Para muitos, no entanto, a intermediação de *hardware* numa esfera da experiência tão delicada como a da sexualidade pode parecer pouco atraente e mesmo pouco estimulante, em se tratando de uma atividade que apela, antes de tudo, para a subjetividade dos envolvidos. Não bastassem o desconforto e as dificuldades operacionais impostas pela utilização de uma tal parafernália¹⁷, resta sempre a certeza de que o mais importante na sexualidade passa ao largo da mera mecânica da estimulação. Quando o fundamental reside no íntimo e no ínfimo, prefere-se a relação que se desenrola sem embaraçantes intermediários dessa natureza. Daí resulta a preferência pelas salas privadas de um servidor comercial *on-line* ou de um canal de ICQ, bem mais reservado, onde dois — ou mais — participantes teclam mensagens de conteúdo erótico, descrições de ações executadas no corpo do outro, produzem afirmações sobre o que fazem ou desejam fazer com seu parceiro e descrevem suas reações sensitivas e emocionais ao que se passa com eles. É a prosa da carne engendrando seus efeitos no corpo dos participantes das redes sociotécnicas. Nelas há os que preferem a atividade a dois, na qual a negociação e a troca de fantasias seja reduzida e personalizada, permitindo que a relação seja mais duradoura. Mas há também os que preferem se aproveitar da virtualidade dessas relações para experimentar o que na realidade concreta lhes seria difícil pôr em prática. Para uns e para outros, o cibersexo concede um espaço de liberdade que lhes é vedado ou está restrito na vida cotidiana. Evidentemente, os envolvidos em relacionamentos sexuais virtuais estão sempre diante do risco que seus parceiros(as) não sejam, na verdade, aquilo que é esperado que eles sejam. Nas redes sociotécnicas, a ausência de marcadores sociais permite um jogo com as identidades que coloca os ciberamantes na permanente iminência da ilusão. *Uma* amante adulta bem pode ser um(a) adolescente teclando o computador do colégio, rodeada de colegas que se divertem

¹⁶ Cujos *sites* são www.digitalsexations.com e www.safesexplus.com.

¹⁷ A este propósito, é interessante ver o depoimento de uma jornalista que testou alguns desses aparelhos, divulgado pelo jornal *Folha de S. Paulo* de 24/05/2000, p. F2, sob o título « Cibersexo ».

com a situação, ou *um* adulto deficiente físico sentado em sua cadeira de rodas. Analogamente, um fogoso adulto, cheio de artimanhas sexuais, pode não ser nada disso. Entretanto, a mesma falta de marcadores sociais aponta para a importância da credibilidade e de uma satisfatória troca de fantasias como fatores decisivos para a definição da qualidade e da duração desses relacionamentos. De maneira semelhante a que ocorre nos relacionamentos presenciais, eles tanto podem ser furtivos e efêmeros, quanto tenderem ao aprofundamento e a uma continuidade no tempo¹⁸.

O que o agenciamento corpo/máquina que se dá com o acoplamento de objetos técnicos à carne e aquele implicado na experiência da sexualidade nas redes sociotécnicas põem à mostra é que se está diante de um certo número de fenômenos que colocam em perigo algumas das distinções que tem sustentado a maneira como nos concebemos, distinções que se consolidaram ao longo da modernidade e que terminaram por se converter em axiomáticas. Estes agenciamentos envolvem um jogo complexo de alianças por meio dos quais se produzem montagens que provocam a junção e a sinergia de entidades pertencentes a domínios heterogêneos. Trata-se de fenômenos de dupla captura entre entidades de estatutos ontológicos diferentes, que passam por ser tão diversas que não admitiriam qualquer vinculação ou ajuste. Entretanto, ainda que possuindo estatutos ontológicos diferentes a regra predominante na formação desses acoplamentos é a das apropriações conectivas — que operam por intermédio de mecanismos lógicos do tipo « e ... e » —, em prejuízo das distinções disjuntivas — aquelas que operam por meio de mecanismos lógicos do tipo « ou ... ou ». Em poucas palavras, em semelhantes agenciamentos é a lógica conjuntiva que preside o modo de operar, em detrimento daquele fundado na lógica disjuntiva. É justamente a partir dessas articulações que objetos de reinos diversos podem engendrar os híbridos cujas partes se acomodam, passam a funcionar de forma ajustada e permitem que a reversibilidade se estabeleça entre elas. O misto corpo/objeto técnico e a utilização dele na experiência da sexualidade não são senão dois bons exemplos disso.

A criação de interfaces carne/máquina, as incrustações de inumano no humano exemplificadas pelas próteses e a abertura de brechas ou passagens de fluxos entre corpo e coisa evidenciadas pelo cibersexo são ajustamentos em que não há — e em

¹⁸ Cf., a esse propósito, TURKLE, Sherry. *Life on the screen*. New York, Simon & Schuster,

certos casos nem pode haver — solução de continuidade. Talvez a melhor imagem para pensá-las seja a de uma banda de Möbius, em que a dualidade interior/exterior fica problematizada. Mas, isso não é tudo. Porque esses fenômenos tornam também problemáticas muitas das dualidades das que sustentam nossos modos de sentir e de pensar, nossas formas de relação conosco mesmos e com os outros. Eles afetam nossas idéias acerca da mente e do corpo, da subjetividade e da máquina, assim como as experiências que, ao longo da modernidade, essas idéias sustentaram. As fronteiras entre , por exemplo, real e virtual, animado e inanimado, orgânico e inorgânico, natural e artificial, quando não sofrem uma erosão irremediável, ficam esfumadas, dificultando a percepção dos limites, antes nítidos, que garantiam aquelas distinções. Em última análise, o abalo produzido por essa dissolução de fronteiras afeta de um modo geral o panorama da cultura contemporânea e de modo particular a maneira pela qual concebemos o que é especificamente humano.

Referências:

BERTHELOT, J.-M. « L'évanescence facticité du corps », *Sociétés*, n° 15, septembre 1987.

CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris, PUF, 1979.

COELHO DOS SANTOS, Francisco. « Artíficos das interfaces: o seco e o úmido nas redes sociotécnicas », in: *Anais do 9º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação - COMPÓS*, jun. 2000, disponível em CD-ROM.

COELHO DOS SANTOS, Francisco. « Chips em carne e osso », in: FAUSTO NETO, A., HOHLFELD, A., PRADO, J. L. A., & PORTO, S. D. (orgs.) *Comunicação e corporeidades*. Brasília/João Pessoa, COMPÓS/Editora Universitária da UFPb, 2000.

COURTINE, Jean-Jacques. « Os stakhanovistas do narcisismo », in: SANT'ANNA, Denise B. de (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

Folha de S. Paulo de 24/05/2000.

Folha de S. Paulo, 20/12/2000

GÓES, Fred. « Do *body building* ao *body modification* - paraíso ou perdição », in: VILLAÇA, N., GÓES, F. & KOSOVSKI, E. (orgs.) *Que corpo é esse? Novas perspectivas*. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

HARAWAY, D. J. *Simians, cyborgs and women*. London, Free Association Books, 1991.

LE BRETON, David. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris. PUF, 1995.

LEMOS, André. “A página dos cyborgs”, disponibilizada em <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos>, arquivo capturado em 15/01/1999.

NIETZSCHE, Friedrich. « Des contempteurs du corps », in NIETZSCHE, F. *Ainsi parlait Zarathoustra*, Paris, Gallimard, 1971.

TURKLE, Sherry. *Life on the screen*. New York, Simon & Schuster, 1995.

Referências eletrônicas:

Digital Sexations: www.digitalsexations.com

Kevin Warwick: www.cyber.rdg.ac.uk/people/K.Warwick.htm.

Le Monde Interactif: <http://www.interactif.lemonde.fr/>.

SafeSexPlus: www.safesexplus.com.

Sex toys: <http://www.stanford.edu/~ereyna/pornsite2/technology.htm>

Steve Mann: <http://wearcam.org/>, <http://www.eyetap.org/> e http://wearcam.org/smart_clothing/